

Em segunda declaração, o Sr. Afonso Arinos chegou a insinuar que a visita de Jânio seria oficiosa, pois "uma iniciativa desse gênero não poderia ser tomada oficialmente por um governo americano, sem o risco de insucesso e conseqüente desprestígio para o país em questão". Observou também que a visita poderia servir de ponto de partida "para entendimentos oficiais posteriores."

Dias antes, havia o candidato Jânio Quadros concluído viagem muito menos importante e sem feição diplomática oficial ou oficiosa. Almoçou em casa de um "nouveau riche" de Jacarepaguá, atual pro-

prietário do palacete da Baronesa da Taquara. Quando pretendia realizar contactos populares, como por exemplo uma visita à Favela do Vintém (o candidato do Dólar visitando o Vintém), seus assessores se dirigiram ao líder socialista local, Deputado Breno da Silveira, pedindo-lhe de empréstimo algumas centenas de manifestantes. O pedido não foi atendido e algumas partes do programa tiveram de ser canceladas.

Mas o Sr. Afonso Arinos achava que em Cuba o homem poderia ter mais sorte que no palacete da baronesa ou na Favela do Vintém.

PAULO MOTTA LIMA

LITERATURA SEM IDEOLOGIA?

Nas sociedades divididas em classes, a arte e a literatura sempre tiveram um caráter de classe. Sempre tiveram um conteúdo econômico e político, social e ideológico. Serviram aos escravistas na Antigüidade, aos senhores feudais na Idade Média, à burguesia na Idade Contemporânea, com suas respectivas ideologias de classe. Ou servem aos trabalhadores, especialmente nos países socialistas.

Homero tem a grandeza clássica. Defendeu a ideologia da época — a mitologia. Cantou a vida e a guerra da classe então dominante na Grécia. Refletiu a luta econômica, política e militar dessa classe. Ela queria conquistar os mercados e as riquezas das regiões do Mar Negro, o antigo Ponto Euxino. Para isto, precisava dominar as posições decisivas das navegações — o local estratégico de Tróia, o estreito do Helesponto e a passagem do Bósforo. Helena, se existiu, foi apenas um pretexto...

As *Geórgicas*, de Vergílio, tiveram objetivos econômicos e políticos — auxiliar a política econômica e as medidas agrárias da classe escravista dominante e do Império Romano.

Os *Lusíadas*, de Camões, monumento perene, poema de navegadores e comerciantes, defenderam a ideologia progressista da época da Renascença. Refletiram o desenvolvimento do capital mercantil e da burguesia comercial. Tiveram várias finalidades econômicas e políticas. Entre elas, sustentar o expansionismo de Portugal, com o monopólio do comércio da Ásia e a posse de suas riquezas.

O *Dom Quixote*, de Cervantes, é uma obra imortal. Sustentou a ideologia da época da Renascença. Desmoralizou o feudalismo, a classe dos senhores feudais, a respectiva ideologia e a cavalaria andante.

Byron acentuava com razão: "A própria *Eneida* foi um poema político, escrito com objetivo político". O insuspeito Napoleão classificava sob a rubrica — Política, os livros religiosos como a Bíblia e o Alcorão...

No século XVIII, Voltaire e os outros enciclopedistas defenderam a ideologia da classe burguesa em ascensão, contra a ideologia da classe aristocrática e feudal em decomposição. No comêço do século XX, Proust refletiu a ideologia da burguesia em decadência. Górkí, pelo contrário, refletiu a ideologia do proletariado em ascensão.

No Brasil do século XIX, as poesias de Castro Alves, com tôda a sua beleza e grandeza, inspiraram-se na ideologia progressista da época. Tiveram um conteúdo econômico e político, social e ideológico. Aspiraram a libertar a classe dos escravos e derrubar o domínio da classe dos escravistas. Contribuíram para minar a monarquia escravista.

Em nosso País, no fim do século XIX e comêço do século XX, certos literatos defenderam uma ideologia céptica, pessimista e nihilista. Refletiram as camadas decadentes da burguesia.

Pelo contrário, os intelectuais avançados do século XX desfraldam a bandeira da ideologia revolucionária. Estão a serviço do povo brasileiro em geral e da classe operária em particular.

Portanto, literatura sem determinada ideologia nunca existiu. Nem pode existir. A arte e a literatura têm sempre um conteúdo de classe — econômico e político, social e ideológico. Tudo isto é claro. Por que, então, ocultam a verdade?

OS ASPECTOS POSITIVOS REAIS. O livro *O Nihilista Machado de Assis* dá relêvo a tôda uma série de aspectos positivos reais da vida e da obra do célebre escritor. Procura aproveitar os tipos de seus romances para fazer a

análise econômica e sociológica da época do 2.º reinado no Brasil. Às páginas 13-17, acentua em Machado de Assis a sêde de saber, o aprêço à língua e à literatura, os contos interessantes, as poesias de forma lapidar, o estilo conciso, o respeito pelos clássicos, a forma castiça, os elementos de realismo crítico, a análise dos homens, o gesto de firmeza e nobreza na hora da morte. À página 15, assinala que sua obra é "uma fonte para o estudo do nosso belo idioma". Às páginas 68-70, apóia suas idéias sôbre a crítica literária. À página 67, fala com simpatia sôbre um trecho do *Memorial de Aires*, em que o autor, na véspera da morte, termina com afirmações e reconcilia-se com a vida, o amor e a mocidade. Acentua, em geral, outros aspectos positivos reais da vida e da obra do escritor. Tudo isto é claríssimo no trabalho referido. Por que, então, torcem a verdade?

OS PROBLEMAS FOCALIZADOS. O livro *O Nihilista Machado de Assis* é apenas um ensaio, esbôço, tentativa. O autor é um simples estudante do marxismo.

A obra levanta uma série de problemas. Tanto tempo depois, êsses problemas ainda não foram discutidos nem analisados sèriamente pelos críticos.

O livro em questão procura fazer a análise crítica ideológica da vida, da obra e da época de Machado de Assis. Podem e devem os nossos intelectuais submeter quaisquer figuras da história e da literatura brasileiras à mais profunda e conseqüente análise crítica? Ou devem simplesmente continuar a escrever ridículos panegíricos e apoloéticas? Eis o dilema!

A obra mencionada procura assinalar as raízes e características de classe de Machado de Assis e de outros escritores, nacionais e estrangeiros. Podem e devem os intelectuais brasileiros aprofundar a análise dêsse problema? Ou seria "melhor" passar a esponja sôbre o caráter de classe de cada escritor? Eis, de novo, o dilema!

O trabalho referido acentua uma série de aspectos positivos de Machado de Assis. Já o vimos. E os lados negativos? Os intelectuais brasileiros precisam examinar

tanto os aspectos positivos como os negativos? Ou êsse escritor é *tabu* — intocável?

Machado de Assis não foi um intelectual *progressista* — no seu próprio domínio, no terreno específico da sua arte: romances, contos, poesias. Rompeu, assim, a tradição *progressista* dos seus grandes *contemporâneos brasileiros* — Castro Alves, Tavares Bastos, Tobias Barreto, Sílvio Romero e Euclides da Cunha. Defendeu velhas idéias bolorentas, tomadas de empréstimo ao *Eclesiastes*, a *Pascal* e *Schopenhauer*. Descreveu uma sociedade *històricamente* morta e apodrecida já no século XIX — a sociedade dos escravistas. Fechou os olhos aos tipos positivos da época, seus *contemporâneos* — os escravos rebeldes, os intelectuais *progressistas*, os lutadores republicanos, os lidadores abolicionistas. Foi profundamente *unilateral*. O livro citado o prova. É ou não a verdade?

No tempo de Machado de Assis, no século XIX e no comêço do século XX, existiram no Brasil dois grupos principais:

1.º) Inúmeros heróis e mártires — em 1817 e 1824. Negros escravos rebeldes — os Malês e Manuel Congo. Mulheres heróicas — Luísa Mahin e Anita Garibáldi. Combatentes indômitos — na Farroupilha e na Praieira. Lutadores intrépidos contra a escravidão — Castro Alves e Luís Gama. Notáveis intelectuais *progressistas* — Tavares Bastos, Tobias Barreto, Sílvio Romero e Euclides da Cunha. Tribunos republicanos — Silva Jardim e Lopes Trovão. Camponeses em luta — Canudos. Bravos patriotas — os acreanos. Operários *grevistas*, na fase republicana.

2.º) Exploradores e opressores. Escravistas. A burguesia *negreirã* que enriquecia com o tráfico. Mercantilistas e especuladores. Agentes do capital estrangeiro. Parasitas de tôda espécie. Reacionários de todos os matizes. Devassos como o Conselheiro Vale. Descaradas como as Vergílias e Capitus.

Diante de tudo isto, por que Machado de Assis só viu tipos decadentes e parasitários, canalhetes e descaradas? Por que não enxergou os componentes do 1.º grupo?

Vários romancistas atuais seguem o mesmo rumo. Só vêem parasitas — burgueses e latifundiários. Esse erro tem, pois, raízes. . .

Apesar de suas qualidades, acentuadas pelo livro, Machado de Assis foi um decadente. Descreveu a podridão da sociedade escravista. Refletiu as camadas decadentes da burguesia brasileira da época. A obra mencionada o demonstra. Haverá alguma dúvida a respeito?

O problema da decadência é grave no Brasil. Especialmente, em ligação com o declínio do sistema social dominante, com a decomposição dos grandes proprietários rurais semifeudais e da grande burguesia reacionária, com o apodrecimento geral do capitalismo no mundo inteiro e a gangrena que corrói as ideologias dominantes e suas variedades. O livro o prova. É ou não a verdade?

Machado de Assis era uma consciência infeliz — dupla, desdobrada, dividida, sem unidade, devorada por contradições. A obra o demonstra. Haverá alguma dúvida a respeito?

O escritor foi um niilista, negativista. Pregou uma espécie de Nirvana. Cantou a voluptuosidade do Nada. Exerceu influência nociva sobre uma série de intelectuais. Deformou-os. Desarmou-os. Contribuiu para torná-los apáticos, displicentes, incapazes de lutar pela Pátria e pela Humanidade. O livro em questão o prova. É ou não a verdade?

O problema do niilismo é grave no Brasil. Por quê? O imperialismo norte-americano, com sua máquina de pressão, corrupção e propaganda, prega por tôda parte, para os povos coloniais ou dependentes como o nosso, o mais insidioso cosmopolitismo, isto é, o *niilismo nacional*, a renúncia à soberania e à consciência nacionais. Muitos políticos e jornalistas das classes dominantes no Brasil sustentam e praticam essa "tese" do imperialismo. Certos

intelectuais de renome são pessimistas e derrotistas em relação ao Brasil. Outros intelectuais se deixam arrastar pelas “filosofias” mais niilistas como o existencialismo e seus embrulhões — Kierkegaard e Heidegger. As religiões dominantes estão saturadas de niilismo. Muita gente não tem, de fato, nenhuma fé, energia, convicção. Portanto, o problema do niilismo é grave. É ou não a verdade?

O Brasil necessita transformar-se numa grande potência mundial socialista. Para isto, precisa ter homens de fé, energia, convicção, e não céticos, pessimistas e niilistas, deformados pelas leituras de Machado de Assis e de seu mestre — Schopenhauer.

Defendemos categoricamente o primado do conteúdo sobre a forma. Na arte e na literatura, na ciência e na filosofia, o conteúdo é decisivo, determinante, fundamental. A forma está subordinada ao conteúdo.

Mas a forma não é passiva. Por uma ação recíproca, exerce influência sobre o conteúdo. Uma forma bela dá um relêvo extraordinário ao conteúdo. O conteúdo e a forma precisam manter sempre a mais profunda unidade.

Quem tem razão? Essa tese? Ou a “primazia” deve caber ao formalismo e às suas inúmeras variações? De novo, o dilema!

Em Machado de Assis, a forma é, por vezes, lapidar. Mas o conteúdo é errôneo. Por quê? Porque é cético, pessimista e niilista.

Machado de Assis não se voltou para a Europa avançada e progressista da época. Não foi capaz de assimilar e reelaborar as conquistas espirituais dessa Europa. Não as encarou como impulsão e matéria-prima para novas realizações progressistas. Pelo contrário! Viveu voltado para a Europa cética, pessimista e decadente.

Certos literatos de hoje voltam-se para os Estados Unidos burgueses, na hora do capitalismo em decomposição.

Em contraposição a essa literatura decadente, o livro *O Niilista Machado de Assis* preconiza, de fato, uma nova literatura própria. Ela não deverá voltar-se para a Europa e os Estados Unidos — burgueses e decadentes. Deverá

orientar-se pela palavra de ordem: — De face para o Brasil! Precisar ter o mais profundo conteúdo social e ideológico progressista, com uma forma bela, rica e original. Precisar ter um caráter tipicamente nacional. Refletir a nossa paisagem natural e social, as nossas condições de vida e trabalho, a nossa história, lutas, tradições etc. Devem os intelectuais brasileiros seguir esse rumo? Ou seria “melhor” copiar servilmente os tristes “modelos” burgueses e decadentes da Europa e dos Estados Unidos? Sim ou não? Ainda uma vez, o dilema!

O livro mencionado preconiza o realismo revolucionário fundido com o romantismo heróico e revolucionário. Necessitam os intelectuais brasileiros seguir essa orientação? Ou seria “preferível” continuar no mais grosseiro naturalismo, a fabricar escravos do sexo? Ou afundar no psicologismo burguês, na introspecção e no subjetivismo, como o velho Machado de Assis e outros literatos do passado e do presente?

A obra em questão critica o realismo crítico, em nome do realismo revolucionário e socialista. Critica o romantismo chorão e decadente, em nome do romantismo heróico e revolucionário. É justo ou não? Continuarão certos romancistas parados no realismo crítico do século XIX? E continuarão certos poetas a ressuscitar o romantismo chorão, embora sob “novas” formas?

Têm os romancistas o dever de refletir a realidade brasileira, em toda a sua plenitude e complexidade, criar em suas obras não somente tipos negativos mas também tipos positivos — homens de combate, lutadores progressistas? Ou só devem pintar tipos decadentes e parasitários à Machado de Assis? Mais uma vez, o dilema!

O Brasil precisa de uma literatura avançada, que tenha um fundo político justo? Ou a “primazia” deve caber à *litteratice* morta, “neutra”, “apolítica”?

A mulher brasileira é uma grande explorada e oprimida. Já se cristalizou em figuras épicas — Anita Garibaldi. Por que, então, Machado de Assis só viu, de fato, adúlteras como as Vergílias e Capitus? Por que sentia vo-

lúpia nesse ambiente social, moral e ideologicamente apodrecido?

Machado de Assis encontrou uma verdadeira mãe — Maria Inês. Por que tinha vergonha dela?

Veio da pobreza. Por que renegou sua origem social? Por que tratou de adaptar-se à burguesia? Por que a serviu?

Veio dos negros. Por que renegou também sua origem racial? Por que tratou de tornar-se “branco”, “ariano?”

Tais alguns dos problemas levantados no livro *O Nihilista Machado de Assis*.

Esses problemas exigem dos verdadeiros críticos a análise mais profunda e conseqüente!

OUTROS PROBLEMAS. O livro *O Nihilista Machado de Assis* levanta outras questões.

Desfralda a bandeira do materialismo dialético. É imprescindível orientar-se no sentido dessa filosofia? Ou seria “melhor” afundar no ceticismo, pessimismo e niilismo, como o velho Machado de Assis? Ou perder-se no mais grosseiro pragmatismo norte-americano? Ou atolar-se no existencialismo da Europa burguesa e decadente? Ou retroceder à mística, à teologia e à escolástica feudais e reacionárias da Idade Média européia? Que escolher?

Devemos avançar sempre? Ou seria “preferível”, a Machado de Assis, ficar estagnado no anticlericalismo burguês e, depois, retroceder horripelantemente e afundar no niilismo? Que caminho seguir? Avançar ou retroceder? Eis o dilema!

A natureza é uma fonte de pesquisas para o sábio e de inspiração para o artista. Precisamos conhecer cientificamente a fundo a nossa natureza e utilizá-la na prática para a construção do Brasil? Ou seria “melhor” fechar os olhos à natureza, como o velho Machado de Assis? Eis, de novo, o dilema!

É necessário orientar-se pelo realismo histórico otimista? Ou atolar-se no pessimismo e no anti-historicismo? Que escolher?

Torna-se imprescindível afirmar categoricamente o amor à Pátria e à Humanidade, à vida e à natureza, à luta e à liberdade, à ciência e à filosofia, à arte e à literatura? Ou seria “preferível” negar tudo isto? Em nome de quê? Do Caos? No Nada? Do Nirvana?

Os intelectuais brasileiros precisam lutar com toda a tenacidade para adquirir a mais alta e a mais profunda, a mais vasta e a mais complexa cultura — na ciência e filosofia, na arte e literatura, na história e sociologia. Cultura? Ou seria “melhor” limitar-se a leituras e tinturas superficiais?

No Brasil atual, levantam-se quatro tarefas decisivas, determinantes:

- 1.^a) Travar a mais dura e conseqüente batalha ideológica, em nome do materialismo dialético e do materialismo histórico;
- 2.^a) Suscitar a rutura total, violenta e definitiva com o passado morto e suas sobrevivências;
- 3.^a) Fazer a mais severa análise crítica ideológica e a revisão total da ideologia e da política dominantes, da ciência e filosofia, da história e sociologia, da arte e literatura, da ética e estética vigentes;
- 4.^a) Realizar a mais radical revalorização de todos os valores.

Os intelectuais brasileiros precisam iniciar o cumprimento dessas tarefas? Ou seria “melhor” continuar tranquilamente a repetir mitos, mentiras e mistificações sobre a história e a literatura brasileiras?

Os interesses da nossa Pátria exigem que milhares de intelectuais tomem posição e aprofundem esses problemas — literários, sociais e ideológicos.

O PAPEL DO IMPERIALISMO. O imperialismo norte-americano — o capital monopolista e financeiro — deseja colonizar e escravizar o Brasil. Para isto, recorre a medidas de toda espécie — econômicas e financeiras,

políticas e sociais, táticas e estratégicas, morais e ideológicas.

O imperialismo tem interêsse em deformar e desviar da luta nacional-libertadora o povo brasileiro em geral e as amplas camadas da pequena burguesia urbana em particular. Tem interêsse em envenená-las com o ceticismo, o pessimismo e o niilismo.

A casa capitalista estrangeira Jackson, estreitamente ligada ao capital monopolista e financeiro norte-americano, chamou a si a tarefa de popularizar os livros e as idéias céticas, pessimistas e niilistas de Machado de Assis. Neste sentido, montou uma verdadeira máquina de publicidade e mercantilismo. Espalhou por todo o Brasil prospectos e outros materiais de propaganda, acentuando: "O nome de Machado de Assis constitui, hoje, um incentivo aos que desejam vencer na vida". São palavras típicas da grande burguesia para os carreiristas e oportunistas!

Por que o capital monopolista e financeiro norte-americano escolheu precisamente Machado de Assis? Por que não escolheu outro escritor brasileiro?

Os agentes do imperialismo norte-americano no Brasil realizaram uma dupla tarefa: 1.^a) Ganharam milhões com o monopólio das obras de Machado de Assis durante 23 anos; 2.^a) Semearam as idéias mais céticas, pessimistas e niilistas no seio do povo em geral e de certas camadas da pequena burguesia urbana em particular.

Camadas assim deformadas não poderão travar uma luta decisiva contra o imperialismo.

Tal o papel dos capitalistas norte-americanos e de seus agentes e instrumentos, conscientes ou inconscientes — reforçar o domínio do imperialismo, envenenar o povo brasileiro, debilitar por tôdas as formas a grande luta pela libertação nacional do Brasil!

AS RAIZES DE CLASSE. O Brasil já deu uma série de pequenos burgueses urbanos *empobrecidos*, que se tornaram intelectuais progressistas e grandes revoltados. Tais foram Tobias Barreto, Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Lima Barreto.

Na época atual, muitos patriotas, democratas, nacionalistas, nacional-libertadores e uma parte dos intelectuais revolucionários têm a mesma origem social. Provêm da pequena burguesia urbana empobrecida.

Uns e outros são elementos preciosos.

Infelizmente, existe o fenômeno oposto. Bandos de pequenos burgueses urbanos troca-tintas invadem os suplementos literários, os jornais e as revistas de grande e pequena tiragem, pertencentes às classes dominantes e, especialmente, aos grupos reacionários da grande burguesia brasileira. São de extrema versatilidade. Querem subir, fazer carreira de qualquer modo. Metem-se a críticos. Não têm nenhuma condição para isto. Nem a cultura geral. Nem a cultura literária específica. Nem a necessária base teórica — na filosofia, história, sociologia etc.

Que têm, então, êsses pequenos burgueses troca-tintas? Apenas leituras e tinturas superficiais. Vastas pretensões e poucas munições. Escrevem artiguetes frívolos, efêmeros. Formam igrejinhas de elogio mútuo. Hostilizam os que não pertencem à sua panelinha. Julgam-se críticos e não têm o mínimo espírito crítico. Defendem as idéias mais confusas. Marcham a reboque da grande burguesia em geral e de seus grupos reacionários em particular. Não se colocam de face para o Brasil. Não trazem para o nosso País o que o mundo deu de melhor, e sim o que deu de pior. Não têm personalidade. Não pensam com a própria cabeça. Ajoelham-se diante dos intelectuais burgueses e decadentes da Europa e dos Estados Unidos. Esperam dêles o santo e a senha. Têm a mentalidade de tristes escravos coloniais!

Tudo isto acarreta resultados tremendamente nefastos ao desenvolvimento da arte, da crítica e da literatura brasileiras.

Para nós, intelectuais progressistas, a ciência e a filosofia, a arte e a literatura, a história e a sociologia — a sociologia — a serviço da Pátria e da Humanidade — são como o sangue, a vida, a paixão absorvente e arrebatadora!

Pelo contrário, para os *intelectualóides* ligados ao imperialismo e às classes dominantes, a ciência e a filosofia, a arte e a literatura, a história e a sociologia são verdadeiras escadas, tristes trampolins para o mais asqueroso carreirismo. Ora, o carreirismo é irmão do oportunismo. Um e outro terminam sempre na capitulação em face das classes dominantes, da reação e do imperialismo.

Por tudo isto, é necessário acentuar o caráter de classe, a natureza de classe — quaisquer que sejam a ideologia e a filosofia, o sentido da arte e o conteúdo da literatura, as interpretações da história e as teses da sociologia. É uma preliminar. É uma tarefa de atualidade!

Todos êsses fatos e argumentos provam que, sob a aparência “literária”, se ocultam profundos interesses de classe — econômicos e financeiros, políticos e sociais, morais e ideológicos.

A PENÚRIA DA CRÍTICA. Mais de trinta artigos e referências já foram publicados sobre *O Nihilista Machado de Assis*.

Apoiaram o livro: o professor e jornalista Fernando Segismundo, os jornalistas Maurício Caminha de Lacerda e Luís Luna, o crítico tcheco Zdeněk Hampejs, o publicista espanhol Eusébio Cimorra e outros. Suas opiniões são valiosas.

Infelizmente, os críticos, na grande maioria, até hoje, nada fizeram para aprofundar os problemas levantados na obra mencionada. Seus artigos e referências revelam a profunda penúria da crítica!

Com efeito. Tais críticos passaram de leve sobre os problemas. Foram incapazes de fazer a análise concreta da questão concreta — a vida, a obra e a época de Machado de Assis. Abstraíram-se do conteúdo ideológico da obra do célebre escritor. Tentaram suprimir o caráter de classe da vida e da obra do mesmo. Perderam-se em banalidades e divagações sobre o “estilo”, a “estética”... Que pobreza!

O MARXISMO E O VELHO MACHADO. O livro *O Nihilista Machado de Assis* acentua à página 41: “Não exigimos que êle (Machado de Assis) fôsse um revolucio-

nário proletário, como o foram Marx e Engels desde 1848.”

Vêm certos críticos e lêem o oposto do que está no livro. E, assim, torcem a verdade.

Seria absurdo exigir que Machado de Assis fôsse marxista. Êle viveu cômoda e tranqüilamente no Brasil, bem adaptado ao Império escravista e à República semi-feudal e burguesa. Foi um médio burguês abastado, alto funcionário público bem pago, oficial de gabinete de dois ministros do Império, secretário de dois ministros da República. Portanto, permaneceu estreitamente ligado às classes dominantes: os escravistas, até 1888; os grandes proprietários rurais semifeudais e a grande burguesia reacionária, até a morte, em 1908. Exaltou Thiers, o massacrador da Comuna de Paris, inimigo mortal de Marx. Idealizou a pretensa “aliança” do Brasil com os Estados Unidos...

Que mais? Foi “apolítico”. Cético, pessimista e nihilista. Desprezou os pobres e os homens de côr. Renegou sua origem social e racial. Não quis ver os tipos sociais positivos. Unilateral, só viu a podridão. Foi um decadente. Escolheu como seus “heróis” tipos decadentes e parasitários — Brás Cubas e o Conselheiro Aires. Escolheu como suas “heroínas” as Vergílias e Capitus...

Em tais condições, é impossível ser marxista. Tudo isto é claríssimo na obra mencionada.

Entretanto, certos críticos burgueses e pequeno-burgueses alegam que o livro em questão exige que Machado de Assis fôsse marxista. Completa invencionice e desonestidade!

Essa alegação demonstra apenas a profunda penúria lógica, literária e ideológica dêsses críticos.

O livro mostra que muitas cousas de Machado de Assis ficaram e naturalmente ficarão. Mas, pelo contrário, nada restará dessa *literatice* de falsificações!

A SEPARAÇÃO ARTIFICIAL. O Sr. Alfredo de Belmont Pessoa dedica um longo artigo — uma página

inteira do "Jornal de Letras" do Rio de Janeiro, à obra *O Nihilista Machado de Assis*.

Reconhece a verdade de várias teses capitais defendidas no livro. Declara que os argumentos genéricos do mesmo são, em regra, fundados. Assinala que toda uma série de idéias do autor, longamente citadas no artigo, é válida e de veracidade incontestável. Neste sentido, adota uma atitude que lembra a da escritora Maria de Lourdes Teixeira em artigo publicado na "Fôlha da Manhã" de São Paulo.

O Sr. Belmont faz críticas e restrições a Machado de Assis e a seus panegiristas. Reconhece que existe "muita cousa errada" na "exaltação desproporcional" ao célebre escritor. Acentua que sua "filosofia" é nihilista — "quase de asco pela humanidade". Que suas idéias são dissolventes. Que êle tinha um prazer quase mórbido pelas Capitus...

Por que o Sr. Belmont não aprofunda suas críticas e restrições a Machado de Assis e a seus panegiristas? Por que fica parado no comêço do longo caminho? Será por inconseqüência pequeno-burguesa?

Infelizmente, o artigo do Sr. Belmont tem falhas mais graves. Tenta reduzir a crítica ao exame do estilo, da seqüência narrativa e da técnica romanesca. Só!

Isto é tentar liquidar a amplitude, a profundidade e a complexidade da verdadeira crítica. É limitá-la a uma única tarefa, que tem certa importância, mas não é absolutamente fundamental. É adotar uma tese *unilateral* — pôrtanto, errônea. É abstrair-se do fator decisivo, determinante — o conteúdo. É impossibilitar toda e qualquer análise crítica ideológica. É não aprofundar as questões concretas. É perder-se em divagações estereis sobre o "estilo", a "técnica" etc. É não compreender problemas que Diderot, Bielinski e Tchernichévski já compreendiam, embora não fôssem materialistas dialéticos.

O autor do artigo sustenta: "a matéria literária pura" é "cousa em si". Portanto, dá um passo atrás. Retrocede 170 anos, ao idealismo filosófico de Kant, refutado pela

realidade. Perde-se em frases ôcas, abstrações vazias. É que nunca existiram nem existem "cousas em si" — isoladas e desligadas, impalpáveis e insondáveis, transcendententes e incognoscíveis à Kant. Existe, sim, a realidade objetiva com seus reflexos na consciência humana.

O crítico reconhece que "o binômio forma-conteúdo" é indivisível. Por que, então, os separa por biombos artificiais? Por que isola o conteúdo social e ideológico da forma estreitamente literária? Por que afunda, assim, numa grosseira contradição?

Chega mesmo a negar à crítica o direito elementar de julgar a ideologia da obra analisada. Passa a esponja nas ideologias. Tenta suprimir o que é impossível suprimir.

O Sr. Belmont revela pobreza filosófica. Torna a literatura uma entidade abstrata, fora da realidade, fechada em si mesma, isolada do seu conteúdo social e ideológico por muralhas chinesas artificiais. Não vê a interpenetração de tudo, o condicionamento universal, a interdependência real e objetiva!

A ANÁLISE CRÍTICA, E NÃO A "DESTRUIÇÃO" SIMPLISTA. O Sr. Dias da Costa reconhece na revista "Leitura" do Rio de Janeiro: o autor de *O Nihilista Machado de Assis* "procurou documentar-se fartamente, estudou com afinco o seu tema, abordou a questão por ângulos numerosos, apoiou-se em argumentos muitas vezes de pêso."

Infelizmente, êsse crítico escreveu um artigo contra o livro, e não sobre êle. Não o leu com a devida atenção, o que, infelizmente, é um fato muito comum. Borboleteou através da obra. E chegou a conclusões opostas à realidade.

O Sr. Dias da Costa não vê a essência do problema. Afirma que *O Nihilista Machado de Assis* nega tudo ao escritor, o que é falso, como já ficou provado, mais uma vez, nestas páginas. E tira a conclusão inexata de que êsse livro exige categòricamente: — *Delenda!* É preciso destruir Machado de Assis!

Brás Cubas, no delírio, foi arrebatado por um hipopótamo. Agora, Machado de Assis, por um passe de mágica, é transformado em Cartago. O autor do livro é metido à fôrça numa velha toga sebenta, empurrado para o Senado romano e, aí, vira uma espécie de Catão, o Censor, a bradar furiosamente: — “*Delenda Cartago!*” É preciso destruir Machado de Assis!

Tudo isto poderá parecer muito “divertido”... Mas é totalmente irreal!

Na realidade, o livro tem outros objetivos. Procura analisar, e não “destruir” a vida, a obra e a época de Machado de Assis — o que seria uma insensatez. Tenta separar os lados positivos dos lados negativos. Zomba dos panegíricos e apologéticas. Combate o ceticismo, o pessimismo e o niilismo do escritor. Não poderia deixar de combater essas tendências negativas. Mas o realiza em nome de toda uma série de afirmações.

A obra em questão não se limita a negar tais tendências — o que já seria algo. Contrapõe-lhes afirmações — o materialismo dialético, o novo humanismo, o realismo histórico otimista etc. A negação transforma-se em afirmação. O velho conteúdo — cético, pessimista e niilista — é negado por um novo conteúdo, superior.

Portanto, analisar os lados negativos da vida, da obra e da época de Machado de Assis, não é absolutamente tentar “destruí-las”. No materialismo dialético, negar não significa simplesmente destruir.

A nossa negação não é, de nenhum modo, a negação simplista, grosseira e vulgar. É, sim, a negação como etapa, momento, elo, anel no processo infinito do desenvolvimento!

A doutrina materialista dialética não se limita a negar o passado morto. Supera, ultrapassa o passado. Afirma o futuro. Prepara — lutando no presente — as condições para o porvir. Mantém, apura e reelabora com espírito crítico tudo quanto existe de positivo na herança cultural. Eleva a qualidade a um nível cada vez mais alto. Contém a afirmação de algo novo — superior.

Hegel, com um conteúdo idealista, compreendeu isto, como se vê na *Ciência da Lógica*. Engels o explica de um modo materialista no capítulo XIII do *Anti-Dühring*.

O Sr. Dias da Costa estranha que o livro faça restrições a Machado de Assis. Quereria mais um panegírico? No entanto, êle próprio faz críticas e restrições. Acusa Machado de Assis de ter sido fraco poeta, mau crítico e mau teatrólogo. Assinala a insuficiência de sua cultura. Acentua que discorda totalmente de sua “filosofia.”

Por que, então, não aprofunda suas críticas e restrições? Por que não as leva até as últimas deduções e conseqüências? Por que fica parado no começo do longo caminho? Será por inconseqüência literária, filosófica e sociológica? Será um resultado das condições de vida e trabalho do pequeno burguês?

O autor do mesmo artigo afirma que o livro *O Niilista Machado de Assis* conseguiu mais espantar que convencer. Será o crítico um pequeno burguês espantado diante da dura realidade das cousas? Será como o pingüim medroso, que esconde a cabeça diante da tormenta?

Por que não segue o exemplo de Górkí? Em 1901, o grande escritor anunciou a revolução que amadurecia, ridicularizou o pingüim medroso e exaltou o Albatroz audaz e indômito que enfrenta a tempestade!

O Sr. Dias da Costa tenta explicar e justificar as debilidades de Machado de Assis pelo “temperamento”. Portanto, procura transformar o “temperamento” em chave dos problemas e fôrça motriz da História. Suprime a existência das classes, os interesses das classes, a ideologia das classes e a luta das classes... Dêste modo, dá tremendo passo atrás, em comparação com as teses demonstradas em *O Niilista Machado de Assis*. Sua “teoria” é característica do idealismo filosófico. Portanto, é uma “teoria” irreal. É uma “explicação” que nada explica! Já está refutada de antemão à página 30 do livro.

O “temperamento” não pode explicar e muito menos justificar concessões e capitulações — literárias e polí-

ticas, sociais e ideológicas. Os fatos provam que essas concessões e capitulações resultam das raízes e interesses de classe. Provêm de fatores econômicos e financeiros, políticos e sociais de classe. Em ligação com isto, resultam também do carreirismo e oportunismo, da falta de caráter e ausência de convicções, da penúria teórica e indigência ideológica.

O Homem tem imensas e poderosas energias espirituais. Tem de marchar avante, de acôrdo com as leis inelutáveis do desenvolvimento histórico universal. Não é escravo, nem prisioneiro do próprio temperamento. Pode e deve superar-se, vencendo as próprias debilidades. Pode e deve retemperar-se no fogo da luta social. Eis a lição viril e heróica, profundamente humana e historicamente necessária. Coragem e firmeza, energia e decisão!

O FORMALISMO NA ESTÉTICA. O Sr. Brito Broca, no "Jornal de Letras", ataca o livro *O Nihilista Machado de Assis* em nome da "estética" e da luta contra o "sectarismo..."

O verdadeiro sectarismo fecha-se dentro de círculos estreitos, grupos mesquinhos. Pelo contrário, o livro em questão sustenta uma doutrina que já empolgou inúmeros brasileiros e centenas de milhões de trabalhadores na Europa e na Ásia. Onde está, então, o sectarismo?

O Sr. Broca vive rolando à deriva de concepções filosóficas bastante confusas. Tão rico de prêmios literários! Tão pobre de filosofia!

Por estas e outras razões, êle ataca o livro mencionado. Coloca-se muito acima de "questiúnculas" ideológicas. E considera "sectarismo" defender teses em nome de determinados princípios — literários, filosóficos, sociológicos.

O Sr. Broca dorme tranqüilamente sôbre seus louros literários. É que já descobriu uma lei universal. Ei-la: "O único critério para julgar-se um escritor deve ser o estético."

Portanto, êsse crítico isola a estética e a literatura do

seu conteúdo social e ideológico. Transforma a estética num fim em si mesmo. Puro formalismo!

Limitar a crítica ao terreno da estética é, pois, rebaixá-la ao formalismo. É reduzi-la a frases ôcas e divagações estêreis sôbre o "belo" em si, o "belo" em geral — fora do tempo, do espaço, da realidade. É dar tremendo passo atrás — retroceder mais de 23 séculos, ao idealismo filosófico de Platão e às suas abstrações vazias. É tentar suprimir a imensa riqueza literária, artística, social, política, histórica, filosófica e ideológica da verdadeira crítica!

O autor do livro *O Nihilista Machado de Assis* dará de graça ao Sr. Brito Broca tôda a Ilha da Barataria se êle fôr capaz de explicar sua "teoria" da "estética", com os respectivos princípios e axiomas, leis e categorias, métodos e critérios, essências e transcendências...

A ERUDIÇÃO LIVRESCA. O Sr. Franklin de Oliveira, na "Revista do Livro", publica um artigo que é mais um dos numerosos panegíricos de Machado de Assis.

O velho Franklin (Benjamim) distribuía bom humor e pára-raios. O novo Franklin, Zeus Olímpico provinciano, lança descargas elétricas...

Com efeito. Nesse artigo, descobre que o livro *O Nihilista Machado de Assis* foi "fulminado para sempre", por tôda a eternidade, pelo artigo de um amigo seu.

O Sr. Franklin não pode ignorar a réplica que êsse artigo sofreu. Portanto, é mais amigo de Platão que da verdade. Sacrifica a verdade à amizade. Isto se explica... Mas não se justifica!

Êsse crítico toma uns ares de sobrançeria e resume numa palavra seu desprezo profundo e sua sentença mortal contra a obra *O Nihilista Machado de Assis*: — Chavões!

Não analisa. Nada discute. Como é fácil ser crítico assim! Dêste modo, o leitor terá de contentar-se com uma palavra vazia, e nada mais. Magra pitação para o esqueleto Rocinante da crítica burguesa!

No Brasil, confundem a cultura com a erudição. A

verdadeira cultura subentende a mais vasta visão geral da vida e do universo. Exige o conhecimento profundo da história e da filosofia, das ciências naturais e das ciências sociais. É assimilação. Nunca é indigestão.

Pelo contrário, a erudição não tem profundidade nem amplitude. Perde-se nos detalhes. Não vê o conjunto. Nunca penetra na essência dos fatos, fenômenos, acontecimentos. Vê apenas sua aparência superficial. Borda vagas considerações sobre essa aparência.

Infelizmente, a erudição livresca é uma das mazelas crônicas da nossa intelectualidade. No Brasil, chegam mesmo a dizer que basta falar dois ou três idiomas para ser um “homem de cultura...”

O Sr. Franklin de Oliveira devorou toneladas de papel. Não as digeriu. Confunde a verdadeira cultura com a erudição vulgar. É, pois, uma nova encadernação da velha erudição livresca. Tem sua mania e sua vaidade — aliás inócuas. Esmaga o leitor com citações em todos os idiomas. Na realidade, marcha a reboque dos intelectuais burgueses e decadentes da Europa e dos Estados Unidos. Não os encara com o necessário espírito crítico. Leva-os a sério. Espera deles o santo e a senha. Tem mentalidade colonial!

O novo Franklin foi à Grécia e falou grego puro. Visitou os túmulos dos faraós e deitou falação aos egípcios. Estêve na Palestina e atirou hebraico aos velhos rabinos. Foi bater na Índia e jogou sânscrito para cima dos velhos brâmanes.

Infelizmente, os gregos, os egípcios, os judeus e os hindus — bárbaros, incultos — não entenderam um só dos cem idiomas falados e escritos pelo nosso eminente compatriota...

OS CRISTÃOS E OS CATÓLICOS. Conheço de perto muitos cristãos. Fui amigo do poeta Jorge de Lima, durante muitos anos. Discuti com êle inúmeros problemas. Visitei-o no leito de morte. E mantivemos sempre a mesma fraternidade humana e o mesmo respeito mútuo.

Jorge era cristão e católico. Em 1947, elevou-se acima de qualquer estreiteza e escreveu a *Elegia* que exalta a

memória da poetisa e educadora, patriota e humanista brasileira Laura Brandão. Existiam laços que nos aproximavam. Entre êles, o amor à poesia, o amor à terra e ao povo de Alagoas, ao Brasil e à Humanidade. Tal o poeta humano Jorge de Lima.

Os trabalhadores cristãos em geral e católicos em particular, são nossos irmãos. Como nós, são vítimas da exploração e da opressão. Ao lado deles, tanto no Brasil como na Europa, tomamos parte em lutas contra a miséria e o fascismo, a guerra e o imperialismo.

Portanto, os trabalhadores manuais e intelectuais, cristãos e católicos, são dignos do nosso carinho e fraternidade. Êstes sentimentos foram reafirmados em muitas ocasiões.

A ESCOLÁSTICA DA IDADE MÉDIA. O Sr. José Carlos Barbosa Moreira, Redator-Chefe de “A Ordem” do Rio de Janeiro, publica nessa revista um longo artigo a propósito do livro *O Nihilista Machado de Assis*.

Começa com a mansidão “evangélica”... Acentua: “respeito o passado sabidamente atribulado do Sr. Brandão”. Reconhece que o autor tem o direito de abraçar sua ideologia. Reconhece, também, que, em princípio, nada haveria que objetar a uma crítica feita à luz do materialismo histórico. Confessa não poder exigir que o autor chegasse a conclusões muito diferentes das que sustenta. Que progresso!

Infelizmente, o Sr. Barbosa Moreira deseja, de fato, voltar à Idade Média feudal e reacionária européia. Ataca o livro, com a maior violência, em nome da mística, da teologia e da escolástica feudais e reacionárias da mesma Idade Média. Portanto, é um *revenant* — pobre fantasma do passado morto. Não vive. Sobrevive.

Êsse doutor em teologia é o oposto da modéstia “evangélica”... Extremamente arrogante, sobranceiro. Imagina que só êle mergulhou no poço profundo da verdade. Mas sua “sapiência” é uma cacimbinha rasa, sêca, vazia...

O Sr. Barbosa Moreira é paupérrimo no terreno teó-

rico e cultural. Afirma, sem nada provar. Recorre a "argumentos" como o seguinte: "Informe-se e apareça". Portanto, ignora os princípios mais rudimentares da lógica vulgar. Estuda "filosofia" nos compêndios de teologia. Confunde terrivelmente a filosofia com a teologia. Deseja, de fato, que a ciência seja escrava da teologia, como na Idade Média. Torna a teologia um instrumento dos capitalistas que subvencionam sua seita. Faz "acusações": o autor de *O Nihilista Machado de Assis* "não sabe patavina de teologia". Faz da teologia uma ciência obrigatória... Que pobreza de espírito!

Esse escolástico da Idade Média perdido no século XX prega a sistemática. Mas, linhas depois, nega-a — recorrendo ao mais cômodo empirismo. Acentua duas vezes que não se pode levar a sério o marxismo — a doutrina que empolgou centenas de milhões de trabalhadores e inspirou os acontecimentos mais extraordinários de toda a História Universal, em 1917, 1945 e 1949. Faz de Marx o "descendente direto de Hegel, via Feuerbach" — o que é um disparate. Prova, assim, que nunca leu um só dos três. Fala em "recalques", como se fôsse discípulo de Freud...

Esse crítico opõe-se, de fato, a qualquer revisão da História do Brasil. Considera isto uma "enormidade" e sinal de "furor iconoclasta". Portanto, a História do Brasil deverá continuar cheia de mitos, mentiras e mistificações, em vez de aparecer em toda a sua realidade viva.

Pensa ele que o Brasil é um país capitalista, como a Inglaterra e os Estados Unidos o são. Portanto, ignora cousas elementares: que, por exemplo, o Brasil é um país dependente, semicolonial, cheio de sobrevivências pré-capitalistas. Estas sobrevivências podem ser escravistas ou feudais como o próprio Barbosa Moreira com sua ideologia.

Por uma ironia da História, o místico, teólogo e escolástico Barbosa Moreira aparece como defensor do ateu, pessimista e nihilista Machado de Assis, contra a crítica avançada e progressista. Por que essa aliança? Por que

esse bloco? É que um e outro pertencem à mesma classe. Ambos são burgueses. No final, entendem-se...

De qualquer forma, o defensor não deveria esquecer esta verdade de Machado de Assis: "a pior prosa deste mundo é a prosa clerical."

O Sr. Barbosa Moreira afirma categoricamente: o livro *O Nihilista Machado de Assis* nada vale. Nêle, "nada, absolutamente nada, pode ser levado a sério". No entanto, gasta 15 páginas da revista, a atacá-lo com a maior virulência! Dêste modo, afunda na contradição grotesca...

Esse crítico deixou-se cegar pela estreiteza e o fanatismo de seita. Nada compreendeu no livro. Cata miudezas por toda parte. Inventou "contradições" do autor. Não nota que as verdadeiras contradições estão na vida e na obra do escritor analisado, com suas concessões, inconseqüências e capitulações. Exige, de fato, dois absurdos irrisórios — que o livro interprete a História à luz da teologia e empregue as palavras com sua significação teológica, e não científica. Afirma que a obra é "dogmática", quando ele é que tem o monopólio dos "dogmas eternos."

Quê mais? Diz que o livro é incapaz de perceber a "descontinuidade" das duas fases de Machado de Assis, quando isto é exposto claramente às páginas 28-30. Não compreende que a obra elogia Cruz e Sousa por ter refletido a dor e a revolta dos negros oprimidos — vítimas dos Barbosas Moreiras da época. Nega, sem razão, boa fé aos outros. Prova, assim, sua má fé. Faz chalaças, chocarrices ordinárias. Perde todo e qualquer respeito a si mesmo. É um pobre de espírito...

O Sr. Barbosa Moreira começa como um cordeirinho... Mas, logo depois, arranca a máscara. Enche 15 páginas da revista "A Ordem" com uma longa série de insultos, desaforos e impropérios completamente gratuitos, contra o autor de *O Nihilista Machado de Assis*. Portanto, é o oposto de um Jorge de Lima e dos trabalhadores cristãos e católicos nossos irmãos!

Esse insultador vulgar é uma sobrevivência feudal.

Defende a ideologia da Idade Média. Ao mesmo tempo, é um joguete das camadas reacionárias da grande burguesia, que subvenciona sua seita. Quer impor sua ideologia, em nome de interesses de classe. Não admite que se possa defender outra ideologia. É reacionário e obscurantista.

Esse injuriador barato tem alma de inquisidor. É um Torquemada ridículo. Já não pode mais queimar vivos os intelectuais progressistas, como os seus comparsas o fizeram com Giordano Bruno e tantos outros notáveis pensadores. Por isto, só lhe resta babujar de ódio, espumar de raiva e vomitar insultos, desaforos e impropérios, na mais profunda miséria intelectual!

O "MARXISMO" DETERIORADO. Rui Facó publicou um artigo contra o livro *O Nihilista Machado de Assis*, e não sobre ele, na revista "Estudos Sociais" do Rio de Janeiro. Não o assinou com o próprio nome, como era seu dever elementar. Empregou, apenas, as iniciais. Interrogado pelo autor do livro, recusou assumir a responsabilidade do artigo. Buscou uma evasiva. Tratou de escapar pela tangente...

O autor da obra viu-se obrigado a procurar a direção da revista, para saber quem era o *embuçado*.

Esse artigo não contribui em nada para a análise concreta da questão concreta — a vida, a obra e a época de Machado de Assis. Poderia contestá-lo simplesmente com as opiniões valiosas dos camaradas Fernando Segismundo, Eusébio Ciorra, Zdeněk Hampejs e outros. Mas surge um problema ideológico — analisar o "marxismo" deteriorado.

Rui Facó afirma categóricamente: "os personagens de Machado de Assis são barões feudais, negociastas, malandros de alto bordo, prostitutas grã-finas, escravistas". "Mas, o Brasil da época de Machado de Assis... era precisamente aquêle."

Afirmção totalmente falsa e infeliz!

No tempo de Machado de Assis e, em geral, no século

XIX, o Brasil forjou heróis e mártires, negros escravos e escritores que se bateram contra a escravidão, republicanos que defenderam as liberdades, intelectuais progressistas, mulheres ricas de bravura e abnegação. Os lutadores de 1817 e 1824. Os negros Malês e Manuel Congo. Castro Alves e Luís Gama. Silva Jardim e Lopes Trovão. Tobias Barreto e Sílvio Romero. Tavares Bastos e Euclides da Cunha. Luísa Mahin e Anita Garibaldi.

Diante de tantos notáveis valores da grande Nação brasileira, aparece um Facó e grita: — É falso! Na época de Machado de Assis, o Brasil só deu malandros de alto bordo e prostitutas grã-finas!

É uma calúnia atroz contra uma época de grandes lutas progressistas e de tantos homens e mulheres que batalharam exatamente contra essa podridão!

O livro *O Nihilista Machado de Assis* opõe toda uma série de afirmações às negações do célebre escritor. Opõe o amor à vida, à negação da vida. Opõe a realidade objetiva à negação da natureza. Contrapõe o historicismo à negação da História e de suas leis. Contrapõe a afirmação da Pátria e da Humanidade aos seus negadores. Etc.

No final, aparece Facó. Faz um passe de mágica. Apresenta o livro em questão como a obra de um nihilista. Nega absolutamente tudo ao esforço alheio. Destrói tudo, com uma simples penada. Faz uma crítica totalmente negativa. E acusa o autor de nihilista. Por que Facó não vai ser *ilusionista*?

A obra mencionada compara Machado de Assis aos seus grandes *contemporâneos brasileiros* — Castro Alves, Tavares Bastos, Tobias Barreto, Sílvio Romero e Euclides da Cunha. Mostra a diferença enorme entre estes e aquêle.

Vem o crítico e exclama com desprezo: — Reles idealismo!

Que será idealismo para Facó? Dificilmente o saberá. É que ele, durante anos seguidos, defendeu sem pestanejar as linhas mais idealistas e apresentou-as como

sendo puro "marxismo criador". Nunca fêz, públicamente, a autocrítica de tanta confusão. Não cumpriu pois, o seu dever mais elementar. Tratou de escapar pela tangente. E, agora, aparece a descobrir "idealismo" por todos os lados.

Marx e Engels admiravam Goethe. Mas nunca escreveram panegíricos. Pelo contrário. Engels fêz-lhe severas acusações em nome da estética e da história. Acusou Goethe de ter sido um *filisteu* — estreito, prudente, satisfeito — vencido pela miséria alemã, medroso em face do movimento histórico da época, preocupado com os pequeninos prazeres da insignificante côrte de Weimar. Engels fazia censuras e acusações como se Goethe estivesse vivo...

Por que, então, não podemos criticar Machado de Assis pelo fato de não ter sido um intelectual progressista como os seus grandes *contemporâneos brasileiros*? Por que o célebre escritor não seguiu o exemplo dos seus contemporâneos? Por que rompeu com essa tradição progressista? Por que não trouxe para o Brasil, assimilou e reelaborou o que a Europa deu de melhor — a literatura e a ideologia avançadas da época? Por que importou, repetiu e ruminou o que a Europa deu de pior — o ceticismo, o pessimismo e o niilismo? Por que se deixou ficar comodamente à margem dos movimentos históricos da época? Por que tratou de fazer carreira, adaptando-se à monarquia escravista e à República semifeudal e burguesa? Por que foi estreito, mesquinho e prudente? Por que se preocupou tanto com as pequeninas cousas do seu mundozinho estreito e insignificante? Por que capitulou diante da miséria social e ideológica da época?

Facó nada explica a respeito. Nem poderia explicar. Faltam-lhe as mínimas condições para isto, começando pela seriedade. Só sabe bradar com arrogância: — Reles idealismo!

Esse crítico dá um caráter absoluto e faz a mais grosseira exploração em tórno de várias frases escritas no modo condicional. Tira daí conclusões "filosóficas" para atacar o livro. No entanto, com tôda essa "filosofia", Facó

só demonstra que não compreende sequer o sentido *gramatical* do modo condicional, seu caráter relativo, dependente, sujeito a condições, contingências etc.

O livro *O Nihilista Machado de Assis* procura estudar a época dêsse escritor, sua origem social, suas relações de classe, as influências dominantes etc. Surge Facó e alega que nada disto foi levado em conta. São passes mágicos de um ilusionista...

O crítico afirma que o livro mencionado "nega tudo em Machado de Assis". Portanto, repete as invencionices dos críticos burgueses. Vai a reboque. As páginas 13-17, 68-70 e outras da obra, sôbre os lados positivos reais de Machado de Assis, provam que se trata realmente de uma invencionice.

Alega também: o livro exige que Machado de Assis "se comportasse como um autêntico marxista". Portanto, repete mais uma invencionice dos críticos burgueses. Isto foi refutado, mais uma vez, neste artigo, no trecho sôbre "O marxismo e o velho Machado."

Vai a reboque do místico, teólogo e escolástico Barbosa Moreira, interpretando o livro como um caso de "má vontade" do autor. Portanto, dá uma interpretação subjetivista. Não quer ver os problemas objetivos que o livro levanta.

Tenta, de fato, justificar o que não tem justificação — o ceticismo, o pessimismo e o niilismo. Separa, de fato, a literatura da ideologia.

Machado de Assis nega a ação. O revolucionário é a ação. Ação consciente! Mas, segundo Facó, o célebre escritor não é tão pessimista como propalam. Seu pessimismo "pode ser o ponto de partida para uma atitude revolucionária". Por que, então Machado de Assis não se transformou num revolucionário? Por que não foi um viveiro de revolucionários? Facó idealiza Machado de Assis até o delírio!

Esse crítico acentua a multiplicação das edições de Machado de Assis. Parte daí para descobrir o caráter

popular do escritor... Dêste modo, esquece os interesses das classes dominantes. Esquece o papel dos *camelots* da literatura. Fecha os olhos ao carreirismo e ao mercantilismo na divulgação das obras do mesmo escritor. Suprime o interesse do imperialismo norte-americano na propaganda das idéias céticas, pessimistas e niilistas. Esquece o papel da empresa capitalista norte-americana Jackson, com seus capitais, sua máquina de publicidade e seus 100 a 200 propagandistas espalhados por todo o Brasil.

Facó faz um paralelo extravagante de Machado de Assis no Brasil com Balzac na França. Dêste modo, não quer ver as enormes diferenças entre os dois países, os dois escritores e os dois processos históricos e literários. Então, o Brasil era dominado pelo escravismo em decadência. A França, pelo capitalismo ainda em ascensão. Balzac era realista crítico. Machado de Assis, psicologista burguês — cético, pessimista e niilista. Em Balzac, o imenso painel social. Em Machado de Assis, um mundozinho estreito, mesquinho, limitado, de decadentes à Rubião e Brás Cubas. E as outras inúmeras diferenças?

O novo crítico literário compara Machado de Assis a Balzac... Mas, por que não o compara aos próprios contemporâneos brasileiros? Castro Alves, Tavares Bastos, Tobias Barreto, Sílvio Romero e Euclides da Cunha batalharam contra a podridão dominante. Cada um a seu modo! E Machado de Assis? Sonhava com as Vergílias e Capitus...

Esse artigo de Facó é um dos panegíricos mais ordinários. Procura justificar Machado de Assis em tudo. Dêste modo, marca um passo atrás, em comparação com os próprios intelectuais burgueses que fazem críticas e restrições a Machado de Assis.

Esse pretense "marxista" condena, de fato, a grande paixão revolucionária. Prega a moderação. Pensa que a virtude está no meio termo — na mediocridade cinzenta, pequeno-burguesa. Exige que, no fogo da luta, os golpes sejam "comedidos". A dura batalha política, social e ideo-

lógica é transformada em floreios de retóricas e torneios de amabilidades...

A política literária de Facó é muito clara. Literatos burgueses atacam o livro *O Nihilista Machado de Assis?* Facó ataca-o ainda mais. Literatos burgueses elogiam *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa? Facó elogia-o ainda mais. A reboque da burguesia!

Marchar a reboque da burguesia em geral ou da própria "burguesia nacional", é oportunismo de direita, que vai dar na capitulação. Marchar sem a aliança com a "burguesia nacional", contra o imperialismo, é oportunismo de "esquerda". São duas desgraças. Daí a necessidade da luta em duas frentes — contra os desvios de direita e de "esquerda."

Facó, um dia, instalou-se na Avenida Rio Branco. Aí, estudou a fundo a questão agrária. Agora, é professor do jargão de Urucuia e intérprete de Guimarães Rosa nos complexos problemas dos sertões. É um camponês do asfalto.

O artigo de Rui Facó adota outros "métodos" — banca de "marxista". Na essência, é igual ao artigo de Barbosa Moreira, pela indigência ideológica, hostilidade, sobrançeria e falta de seriedade!

CONCLUSÃO. Na grande maioria, os trinta e tantos artigos e referências publicados sobre *O Nihilista Machado de Assis* não contribuíram em nada para o esclarecimento e o aprofundamento dos problemas levantados no livro. Uns se perderam em divagações superficiais. Outros desceram a invencionices, falsificações e descomposturas.

Em tais condições, só tenho uma resposta: — Miséria da crítica!